"A GENTE" COMO PRONOME PESSOAL:

TEORIA, PRÁTICA E PROPOSTA PEDAGÓGICA

Débora Simões da Silva Ribeiro (Autora)
Sérgio Menuzzi (Orientador)[1]

Resumo: Atualmente muitos linguistas vêm estudando o uso da expressão "a gente" como pronome pessoal de primeira pessoa do discurso. Apesar de suas pesquisas mostrarem que esta expressão está sendo cada vez mais utilizada, tanto na fala como na escrita, pelos falantes do português brasileiro, pouco ainda se vê explicitado sobre o caso nas gramáticas e livros didáticos da língua portuguesa. O objetivo deste artigo é o de sintetizar as pesquisas realizadas sobre o uso de "a gente", assim como fazer uma análise em gramáticas e livros didáticos, a fim de verificar como o assunto está sendo tratado. Com isso, pretende-se lançar uma proposta pedagógica para o ensino de "a gente" como pronome pessoal nas escolas brasileiras.

Palavras-chave: a gente; pronomes pessoais; ensino de língua portuguesa.

Introdução

Um ouvinte atento da língua portuguesa pode perceber que, com o passar dos anos, a grande maioria dos brasileiros passou a preferir o uso de "a gente", no lugar de "nós", como pronome pessoal da 1ª pessoa do plural. No entanto, este uso ainda é ignorado em boa parte das gramáticas, bem como dos livros didáticos de língua portuguesa do ensino básico. Os professores veem seus alunos falando "a gente vai", "a gente vamos" a todo instante, mas raramente tocam nessa questão em sala de aula, seja por não disporem de um material de apoio razoável para isso, seja porque é algo ainda um pouco delicado de ser discutido em sala de aula, por questões sociais, linguísticas e educacionais.

Assim, pretende-se, neste artigo, sintetizar os resultados de algumas pesquisas teóricas já feitas sobre este tema e analisar como o caso de "a gente" como pronome pessoal de sujeito

[1]Professor da 7ª. Edição do Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa – UFRGS.

é abordado em algumas gramáticas e livros didáticos da língua portuguesa. O objetivo é elaborar, a partir desta análise, uma proposta de ensino sobre o uso de "a gente" como pronome que possa ser utilizada em sala de aula, como auxílio a professores, principalmente do ensino fundamental.

1 A expressão "a gente" na teoria e na prática

1.1 O que se diz sobre o uso de "a gente" como pronome pessoal

Tradicionalmente, os pronomes pessoais do caso reto são: "eu, tu, ele, nós, vós, eles". Porém, a forma "a gente" está cada vez mais tomando o lugar do pronome "nós" entre os falantes brasileiros da língua portuguesa (conforme as pesquisar que serão apresentadas mais adiante). Apesar disso, muito pouco, ou nada, se fala desta expressão como pronome em livros didáticos e gramáticas do português. Por outro lado, é possível encontrar dezenas de artigos e pesquisas de linguistas sobre o uso de "a gente", principalmente com referência à língua falada.

O uso de "a gente" na posição de sujeito, dos anos 70 aos 90, teve um crescimento expressivo, conforme Zilles (2005). Pelo que se pode notar, este crescimento tem continuado, de tal forma que hoje pouco se usa "nós" na fala. O que ocorre é a gramaticalização da expressão "a gente", processo descrito por Zilles (2007), e que pode ser resumido da seguinte forma: o vocábulo "gente" tem origem no substantivo latino *gens, géntis*, que significava "povo", apresentando traços de pluralidade e de pessoa; no século XVI, o substantivo "gente" adquire o significado de "toda e qualquer pessoa", como pronome indefinido, o que é natural de acontecer nas línguas com esses nomes genéricos ("homem", "pessoa", "povo"); a partir daí, inicia-se um conjunto de mudanças (dessemantização, extensão do uso, decategorização e erosão fonética – cf. ZILLES, 2007) até chegar ao estágio atual do uso de "a gente" como pronome sujeito. (Tais mudanças não serão aprofundadas neste artigo.)

As pesquisas sobre o uso de "a gente", tanto do projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana no Sul do País) quanto do projeto NURC (Norma Urbana Culta) mostram que a grande maioria dos brasileiros, como será demonstrado a seguir, está utilizando "a gente" ao invés de "nós" como pronome pessoal de 1ª pessoa do plural. A pesquisa do VARSUL apresentada por Zilles (2007) foi feita com habitantes de Porto Alegre, que foram estratificados em gênero, idade e nível de escolarização. O estudo mostra que a variação em

pauta tem uma grande frequência na fala de pessoas mais jovens (até 50 anos). Quanto à variação entre os gêneros e níveis de escolaridade diferentes, os resultados são praticamente equiparados. Outra comparação feita neste mesmo estudo foi entre falas coletadas pelo NURC em 1970 e pelo VARSUL em 1990. Essa comparação revela um percentual de 56% de uso de "a gente", em 1970, e de 72%, em 1990, o que demonstra um aceleramento da mudança de "nós" para "a gente" a partir da segunda metade do século XX. Vale ressaltar também que esse processo de mudança é mais acelerado nos grandes centros, sendo que nas localidades mais rurais, de interior, parece ocorrer mais lentamente.

Outra conclusão importante que as pesquisas apontam é a de que, de modo geral, não existe estigma em relação ao uso de "a gente" no lugar de "nós" na fala. Mas parece haver alguma restrição na escrita, como afirma Schmitz (2006), que lista tipos de textos nos quais este pronome seria ou não aceito:

> O uso do 'a gente' ainda não tem prestígio oficial, sendo considerado pouco apropriado em textos escritos formais, como requerimentos, teses e dissertações, textos jurídicos, procurações, editais, alvarás, atestados, declarações, escrituras, leis e boletins de ocorrência. Num exame de textos jornalísticos, podemos observar que 'a gente' como pronome não ocorre em editoriais (SCHMITZ, 2006, p. 45).

Também Neves (2000, p. 469) diz que "na linguagem coloquial o sintagma nominal A GENTE é empregado como um pronome pessoal", e Neves (2003, p. 25) conclui que "a gente" como pronome pessoal "é um uso de linguagem menos formal já bastante aceito". Tais afirmações são importantes para levar-se em conta o tipo de texto escrito em que "a gente" tem mais ou menos aceitação na sociedade, a fim de que seja possível realizar uma proposta de ensino e de análise deste fato em sala de aula, como é o propósito deste trabalho.

Assim, conclui-se que, na fala, não há muita restrição ao uso da expressão "a gente"; por outro lado, em um discurso mais formal, em uma reunião de negócios, em uma cerimônia, o uso de "nós" prevalece. De fato, Bechara, em sua tradicional "Moderna Gramática Portuguesa", normatiza o uso de "a gente" como pronome, apontando que seu uso deve ocorrer apenas na linguagem informal: "o substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa" (BECHARA, 2006, p. 117).

É conveniente ressaltar, ainda, a variação entre "a gente" e "nós" ocorre não apenas de pessoa para pessoa, mas por parte do próprio indivíduo: a mesma pessoa que normalmente usa "a gente" na fala, às vezes também usa "nós". Também são comuns registros de uso de "a

gente" e "nós" numa mesma frase, o que reitera a observação de que a utilização de "a gente" não é estigmatizada, ao menos na fala menos formal.

Também parece claro que o estigma em relação à utilização de "a gente" recai mais sobre a concordância utilizada do que sobre o seu uso em si. Sobre isso, Neves (2003, p. 25) afirma: "Em linguagem considerada pouco cuidada chega-se a usar o verbo na 1ª pessoa do plural, construção que revela o entendimento de **a gente** exatamente como **nós**. Essa concordância não é aceita pelas lições de norma prescritiva".

1.2 Formas de usos de "a gente" como pronome

1.2.1 "A gente" na língua falada

Primeiramente, serão expostas algumas análises já realizadas sobre o uso da expressão "a gente" na fala, pesquisas estas mais comuns entre os estudos teóricos do assunto. Borges (2004) resume a conceituação de "a gente" como pronome da seguinte forma:

> O pronome *a gente* diz respeito a um plural que deve ser interpretado como "eu" somado a uma ou mais pessoas, no qual o ouvinte pode ou não estar incluído. *A gente* não é plural de "eu", mas apenas inclui uma referência a "eu" e é plural, já que envolve o "eu" e interlocutor ou o "eu" e outra(s) pessoa(s). O pronome *a gente*, portanto, não é uma soma de *eu + eu (+ eu...)*, e sim de *eu + tu (+ tu...)* ou de *eu + ele(s) (+ ele(s)...)* ou *eu + tu + ele(s) (+ ele(s))* (BORGES, 2004, p. 167).

Assim, percebe-se que este pronome engloba sempre o locutor de um enunciado, junto ao qual pode também estar um ou mais interlocutores, assim como a "não-pessoa", da qual fala Benveniste (1988), ao referir-se à 3ª pessoa do discurso. Borges (2004) também esquematiza as nuances de significado do pronome em pauta, descrevendo seus graus de pessoalização, que partem do genérico até o mais alto grau de pessoalização. Conforme a Teoria da Enunciação (BENVENISTE, 1988), a pessoalização do discurso diz respeito à explicitação do enunciador no discurso, e ocorre quando há o emprego da 1ª e da 2ª pessoas do discurso.

Esta descrição de Borges (2004) pode ser claramente resumida com o quadro abaixo:

Genérico	Plural Específico			
a gente = >	**a gente = >**	**a gente = >**	**a gente = >**	**a gente =**
"eu" + (qualquer Indivíduo)	"eu" + (não-pessoa)	"eu" + (pessoa + não-pessoa)	"eu" + (pessoa)	"eu"
	↑	↑	↑	↑
	baixo (plural exclusivo)	**médio** (plural inclusivo)	**alto**	**mais alto**

Quadro 1: Graus de pessoalização de *a gente*.
Fonte: adaptado de Borges (2004, p. 171).

Neste ponto, faz-se necessário mostrar alguns exemplos dos usos descritos no quadro acima:

Genérico: "[...] não acontece quase nada aqui em Jaguarão, mas olha eu prefiro a minha cidade assim porque... ah, assim é muito bom, **a gente pode saí** na rua, não ter preocupação de ser assaltada, né?" (informante citado em BORGES, 2004, p. 168).

Neste exemplo, o autor explica que "a gente" significa "eu" + qualquer outro indivíduo, tanto "pessoa" quanto "não-pessoa". Na verdade, é possível perceber que "a gente", no exemplo, tem um sentido genérico na frase, significando "qualquer pessoa" – o que inclui, é claro, o falante; não é necessário que seja sempre "eu + qualquer outro"; não é necessário sequer que seja mais de uma pessoa a sair.

Baixo grau de pessoalização: "Aí ele saiu da casa, ele veio morá aqui. **A gente tava** namorando, **a gente veio** mora aqui [...]." (informante citado em BORGES, 2004, p. 169).

No caso acima, o "a gente" refere-se a "eu" + outra pessoa (ausente no discurso, isto é, diferente do ouvinte), uma "não-pessoa".

Médio grau de pessoalização:

> **Alice Cooper:** Mas que loucura é essa? Agora que estou reparando. Todo mundo colorido, maquiado, parece uma festa. Quem foi que teve essa ideia má-ravilhosa?
> **Mona:** Fui eu. Já que ***a gente*** vai mesmo ficar aqui a noite toda, achei que era melhor fazer uma festa à fantasia. De feia basta aquela cidade lá fora, não é? (ABREU, 1997 apud BORGES, 2004, p. 169).

O exemplo acima é de uma peça de teatro de Caio Fernando Abreu; Borges (2004) recorre a este exemplo por não ter encontrado casos desse tipo nos dados de sua pesquisa,

obtidos nas cidades de Pelotas e Jaguarão, Rio Grande do Sul. No exemplo, “a gente” tem o sentido de “eu” + “tu/você” (“pessoa”) + outro(s) indivíduo(s) (“não-pessoa”).

Alto grau de pessoalização: “**E** [entrevistador]: esse lugar aí que tu disse, eu não sou de sair muito. **I** [informante]: ué, mas se tu quiser, **a gente pode**, pode sair [...].”(entrevistador e informante citados em BORGES, 2004, p. 169).

No exemplo acima, na fala do informante, é possível notar que “a gente” está sendo empregado com sentido de “eu” + “tu/você” (“pessoa”).

Mais alto grau de pessoalização: “... fiquei muito tempo pra baixo quando meu marido morreu. Passei quatorze anos sem sair; hoje sim, hoje saio a tudo, vou a tudo, porque **a gente tem** um pouco de idade já, não é?” (informante citado em BORGES, 2004, p. 170).

Nesta fala, “a gente” significa puramente “eu”; por isso, é considerado o mais alto grau de pessoalização por Borges (2004). Além disso, também é conhecido como plural de modéstia, pois, conforme Benveniste (1988, p. 257-258), “atenua a afirmação muito marcada de ‘eu’ numa expressão mais ampla e difusa”. Assim, percebe-se que este uso do pronome “a gente” é bem próximo ao uso “genérico”, descrito anteriormente. A escolha do uso de “a gente” ao invés do “eu”, como diz Borges (2004, p. 170), “serve como uma forma de atenuar o envolvimento ou a noção de exclusividade do pronome ‘eu’”. Do mesmo modo, com este uso de “a gente”, segundo Monteiro, “o falante pretende dividir responsabilidade ou reduzir o grau de egocentrismo” (MONTEIRO, 1994 apud BORGES, 2004, p. 170).

Desta forma, percebe-se que o grau de pessoalização aumenta ao passo que se especifica mais o referente do discurso. Esta análise tem resultados interessantes, que serão utilizados adiante, quando da proposta de ensino sobre o pronome aqui examinado. Mas, desde já, pode-se notar que este tipo de análise não é comumente visto em gramáticas e livros didáticos, mesmo que se referindo ao uso do pronome “nós”, que também exibe as mesmas características apresentadas acima.

Nos exemplos citados acima, percebe-se que são falas cotidianas, conversas descontraídas, ou seja, é utilizada uma linguagem informal, o que favorece a utilização de “a gente” no lugar de “nós”. Não é mencionado o nível de escolarização das pessoas entrevistadas, mas sabe-se que o uso de “a gente” não é usual apenas nos discursos de pessoas com baixo nível escolar. De fato, é possível encontrar trechos de falas de pessoas cultas, com um nível mais alto de educação formal, utilizando o “a gente” ao invés de “nós”, como nos seguintes exemplos:

- “A gente veio aqui fazer política para justamente poder fazer literatura.” – Paulo Lins, autor de “Cidade de Deus”, graduado em Letras, em entrevista ao blog Estadão[2].
- “O diário em papel tinha folhas enormes, e o paciente, quando melhorava, parava de usar. E às vezes essa é a hora em que a gente mais precisa das informações, para melhorar a evolução.” – Ariovaldo Alberto da Silva Jr., neurologista do Hospital de Clínicas da UFMG em entrevista ao site G1[3].
- “Com isso, a gente quer melhorar a qualidade dos projetos e também garantir que fiquem claras as condições mais adequadas para a formatação de toda a engenharia financeira do projeto [...].”– Dilma Rousseff, presidente do Brasil, economista política formada na UFRGS, em entrevista ao Estadão[4].
- “Nós não estamos falando de um criminoso. Estamos falando de muitos próximos de nós. A gente finge que não é. É um comodismo. A gente tem que sacudir a sociedade.” – Fernando Henrique Cardoso (FHC), ex-presidente do Brasil, graduado em Ciências Sociais pela USP[5].

Com estes exemplos, nota-se que o “a gente” está inserido naturalmente nos discursos dos falantes cultos do Brasil. Foram selecionadas pessoas com graduação superior e algumas também com altos cargos na sociedade, como a presidente Dilma e o ex-presidente FHC, em situações de entrevistas, para que fique constatado o uso de “a gente” por uma classe sociocultural mais prestigiada. Da mesma forma, pode-se verificar o uso alternado de “nós” e “a gente”, como na fala de FHC, característica comum à maioria dos falantes do português do Brasil.

Por fim, como derradeiro exemplo, têm-se as belas e emocionadas palavras de Guimarães Rosa, em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, dizendo: “[...] a gente morre é para provar que viveu”.[6]

---

[2]Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/babel/2013/10/>. Acesso em: 01 fev. 2014.
[3] Disponível em: <http://m.g1.globo.com/bemestar/noticia/2013/11/pesquisadores-criam-aplicativo-para-pessoas-com-dor-de-cabeca-cronica.html>. Acesso em: 01 fev. 2014.
[4] Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/economia-geral,governo-criara-projetos-de-concessoes-com-setor-privado,176891,0.htm>. Acesso em: 01 fev. 2014.
[5] Disponível em: <http://oglobo.globo.com/politica/fh-diz-que-maconha-nao-caso-de-policia-mas-de-tratamento-dos-dependentes-2763621>. Acesso em 01 fev. 2014.
[6] Disponível em: <http://www.almanaquebrasil.com.br/personalidades-literatura/6290-joao-guimaraes-rosa.html>. Acesso em 01 fev. 2014.

1.2.2 “A gente” na língua escrita

Feitas estas explicitações sobre o uso de “a gente” como pronome na fala, serão abordadas agora alguns usos deste pronome em textos escritos. Apesar de mais restrita, é comum também a utilização de “a gente” na escrita. Assim como na fala, o uso deste pronome tem mais espaço nos textos menos formais.

Segundo Zilles (2007, p. 39-40), há muitas ocorrências do novo pronome em textos publicitários: “na correspondência do Banco Santander Banespa, de dezembro de 2006, lê-se: ‘A sua prosperidade, ***a gente*** vai celebrar juntos’; no informativo [...] do jornal Correio do Povo, em 2005, lê-se: ‘É um prazer ter você junto com ***a gente***’.” Por tratar-se de publicidade, parece claro que a forma está sendo explorada com a intenção de gerar uma aproximação com o leitor, com o público alvo; por ser a forma usada na língua falada coloquial – contrariamente a “nós”, que é característico dos registros formais escritos –, a expressão “a gente” promove mais a intimidade com o leitor. O que as propagandas fazem não é nada mais do que explorar os efeitos observados por Schmitz (2006, p. 45): “Em vez de excluir (como o uso excessivo do pronome ‘nós’ pode fazer), ‘a gente’ é democrático, pois inclui as pessoas presentes na conversa, nivela diferenças sociais e aproxima os participantes no discurso”.

Também na literatura encontra-se “a gente” na posição de sujeito. Carlos Drummond de Andrade, em seu “Poema de sete faces”, publicado em 1930, diz: “Eu não devia te dizer / mas essa lua / mas esse conhaque / botam a gente comovido como o diabo.”[7] Na crônica de Caio Fernando Abreu, publicada no jornal Estadão, Caderno 2, em 29 de julho de 1987, lê-se o seguinte trecho:

> Preciso dessa emoção que os antigos chamavam de amor, quando sexo não era morte e as pessoas não tinham medo disso que fazia a gente dissolver o próprio ego no ego do outro e misturar coxas e espíritos no fundo do outro-você, outro-espelho, outro-igual-sedento-de-não-solidão, bicho-carente, tigre e lótus.[8]

Na literatura infantil também há exemplos do uso de “a gente”, como no livro “Tchau”, de Lygia Bojunga, de 2001, no qual se encontram frases como a seguinte: “As duas tinham saído pra fazer compras, a Mãe e a Rebeca. E na volta a Mãe falou: – Quem sabe a gente vai andando pela praia?” (BOJUNGA, 2008, p. 08).

Outro livro em que aparece, ao longo de todo o seu texto, o uso de “a gente” é “Nada na língua é por acaso”, de Marcos Bagno. O linguista, defensor de uma maior liberdade

---

[7] Disponível em: <http://www.horizonte.unam.mx/brasil/drumm1.html>. Acesso em 01 fev. 2014.
[8] Disponível em: <http://sabrinabenedet.blogspot.com.br/2011_02_01_archive.html>. Acesso em 01 fev. 2014.

gramatical, neste livro, que trata da abordagem da variação linguística em sala de aula, utiliza apenas a expressão “a gente” como primeira pessoa do plural. São vários os exemplos ao longo do livro, como o seguinte: “Com isso, o que a gente vê é uma unidade ou um capítulo dedicado à variação linguística em termos ‘politicamente corretos’ [...]” (BAGNO, 2007, p. 135). Assim, Bagno mostra que o “a gente” tem vez também em um texto teórico, sem causar qualquer prejuízo ao entendimento ou à seriedade do assunto.

Estes são só alguns exemplos do uso de “a gente” em textos escritos. A situação de uso em cada contexto deve ser examinada a fim de que se possa chegar a uma conclusão sobre o que levou o autor a escrever da forma como escreveu. Por vezes este pronome entra numa fala de um personagem, de um narrador, ou mesmo nas palavras de um eu-lírico, o que é mais comum e pode se encaixar nas explicações já mencionadas sobre uso informal da língua. Assim como já dito anteriormente, em textos formais, documentos oficiais etc, “a gente” ainda não se infiltrou; porém, como diz Schmitz (2006, p.45), “Pouco a pouco, os diferentes usos pronominais de ‘a gente’ estão ‘invadindo’ ensaios políticos e crônicas”.

2 Abordagem de “a gente” como pronome em gramáticas e livros didáticos

2.1 “A gente” nas gramáticas

Após análise feita em doze gramáticas da língua portuguesa, verificou-se a abordagem de “a gente” em seis delas, quais sejam: Castilho e Basilio (1996), Neves (2000), Bechara (2006), Castilho (2010), Bagno (2011) e Azeredo (2012). As outras seis pesquisadas foram: Luft (1987), Luft (1991) Ernani Terra (1995), Rocha Lima (1998), Cegalla (2008) e Cunha e Cintra (2008).

Das gramáticas nas quais o uso de “a gente” é mencionado, a de Bechara (2006) é a mais tradicional. Nela, como já citado anteriormente, o gramático considera o “a gente” como pronome e diz que este é usado em linguagem informal. Esta menção é feita na parte em que fala sobre as formas de tratamento.

Azeredo (2012, p. 175), na seção sobre pronomes pessoais, afirma que “a expressão ‘pronomes pessoais’ aplica-se apenas às formas com que se assinalam: [...] b) o conjunto de indivíduos em que o *eu* se inclui – primeira pessoa do plural (*nós/a gente*) [...]”. Porém, após esta afirmação, o autor enumera os pronomes pessoais do caso reto, não incluindo “a gente”. Mais adiante em suas explicações, faz uma observação sobre esta expressão:

> Os brasileiros empregam em geral a forma *a gente*, especialmente na língua falada semiformal e informal, como equivalente de *nós*, seja com um valor genérico/indeterminado (como o do pronome *se*: *não se sabe / a gente não sabe*), seja para a referência dêitica situacionalmente identificada (AZEREDO, 2012, p. 176).

Já Neves (2000), ao relacionar as três pessoas gramaticais, não menciona "a gente", mas traz uma elucidação sobre a expressão ainda no capítulo dos pronomes pessoais, mostrando como se dá seu uso na linguagem coloquial, em que confirma o que já foi relatado: refere-se à primeira pessoa do plural, equivalente à "nós", ou pode ter referência genérica, em que inclui todas as pessoas do discurso. Neves (2000, p. 470) também ressalta que as construções com a partícula "se" e com "a gente" "têm praticamente as mesmas características quanto à **indeterminação** do **sujeito**, embora a forma ***A GENTE*** sempre deixe indicado o envolvimento da **primeira pessoa** no conjunto".

Ilari et al. (1996) baseiam-se em dados do NURC para identificar e descrever o uso dos pronomes utilizados pelos brasileiros. Assim, coloca "a gente" como uma forma de pronome pessoal para a 1ª pessoa, juntamente com "eu" e "nós". Sobre as formas de uso de "a gente" como pronome, Ilari et al. (1996) mostram que esta expressão pode representar um plural, com a soma da 1ª + 2ª e/ou 3ª pessoas, assim como referir-se à própria pessoa que fala (eu).

A respeito de enunciados com uma referenciação indeterminada, os autores concluem, pelos exemplos colhidos na pesquisa do NURC, que, entre "nós" e "a gente", se prefere o uso daquele, em indicações mais definidas, e deste último, em referências mais indeterminadas, como no exemplo: "Então toda aplicação já supõe uma interpretação que para *nós*, se *a gente* analisa objetivamente é que vê que vai se constituir uma análise" (ILARI et al., 1996, p. 100). Neste caso, que apresenta a alternância entre as duas formas de pronome de 1ª pessoa plural, os autores relatam que é possível perceber uma maior indeterminação no uso de "a gente", em relação a "nós". Além disso, afirmam que o uso da

> expressão 'a gente' pode chegar a um grau de indeterminação que resvala para a própria dispensa da referência à primeira pessoa (*a gente* = as pessoas) [como no exemplo]: depois de assistir novela *a gente* (não) vai assistir...programa político (ILARI et al, 1996, p. 100).

O linguista Ataliba T. de Castilho (2010) comenta que há estudos indicando uma reorganização nos pronomes pessoais do português brasileiro (PB) e coloca, no quadro dos pronomes, "a gente" como próprio do PB informal, tanto na posição de sujeito (na 1ª pessoa do singular e do plural), como na de complemento (na 2ª pessoa do plural). Também ressalta

que “a gente” e “nós” são usadas nos mesmos contextos, mostrando que os brasileiros entendem as duas formas como sinônimas. Castilho (2010) ainda afirma que, na língua não-padrão, há ocorrências de “nós” e “a gente” com o verbo conjugado na 1ª pessoa do plural, assim como na 3ª pessoa do singular, como demonstram os exemplos: “b) **Nós** rimos muito ontem à noite, e aí **a gente** começamos a se entender. c) **Nós** tem uma sinuquinha lá que nós fizemos, **a gente** não se fala legal.” (CASTILHO, 2010, p. 478).

Por fim, sobre o uso de “a gente” como indicador de 1ª pessoa do discurso no PB, Bagno (2011) declara que há uma preferência pelo uso de “a gente”, ao invés de “nós”, principalmente pelos falantes mais jovens. Falantes do PB entre 17 e 25 utilizam quase que exclusivamente “a gente” como pronome pessoal na posição de sujeito. Isso, para o autor, demonstra uma possível extinção do pronome “nós” num futuro longínquo, assim como aconteceu com o pronome “vós”.

Além de fazer uma descrição do PB quanto ao uso dos pronomes pessoais, Bagno (2011) também critica o modo como o assunto é tratado nas escolas e nos livros didáticos, que explicam as diferenças entre “nós” e “a gente” baseados na variação estilística, dizendo que o primeiro aparece em situações mais monitoradas e o segundo em situações menos monitoradas. Conforme Bagno (2011, p. 743), “essa tentativa de descrição é, de fato, uma *prescrição*.” Ou seja, a escola estaria tentando impor este uso mencionado acima como “regra”, enquanto, na realidade, os brasileiros já passaram a usar “a gente” mesmo em situações de fala mais monitoradas. O autor também ressalta que “a ascensão da ‘nova classe média’ deve implicar em muitas mudanças nas variedades urbanas de prestígio.” (BAGNO, 2011, p. 743). Assim, percebe-se que o uso de “a gente”, na visão do linguista, irá crescer cada vez mais, tornando-se mais comum entre os falantes chamados “cultos” da sociedade brasileira.

Ademais, Bagno (2011) chama a atenção para o fato de que as variedades urbanas de prestígio também costumam conjugar formas verbais de “nós” para fazer referência ao “a gente” na posição de sujeito, como no exemplo do NURC mencionado pelo autor:

> e então **nós**:: **ficávamos** jogando... aí que eu aprendi a jogar buraco... e **a gente gostou** tanto que **ficava** todo o dia jogando... lembro que **nós passamos** no hotel... mas **a gente não jogava** a dinheiro nada... só assim na brincadeira... **então passamos** tinha umas velhas uma senhoras de mais idade e **nos** viram... sempre jogando...quando **nós passamos** elas disseram assim “essas viciadas” ((risos)) como se **a gente jogasse** ah... muito...(BAGNO, 2011, p. 744).

Sobre este exemplo, Bagno (2011) fala ainda que este uso alternado de formas de conjugação de 1ª pessoa plural e de 3ª pessoa singular se dá para evitar um possível equívoco de interpretação acerca do sujeito, por causa das marcações de 3ª pessoa singular, principalmente com os verbos mais afastados do sujeito.

Assim, percebe-se que as gramáticas menos tradicionais trazem maiores informações a respeito do uso de "a gente" como pronome sujeito pelos falantes do PB, pois consideram mais a língua em uso que os antigos modelos da tradição normativa.

2.2 "A gente" nos livros didáticos

Para esta análise, foram pesquisadas dez coleções de livros didáticos de língua portuguesa do ensino fundamental. Em quatro delas não houve nenhuma alusão a "a gente" nos capítulos sobre pronomes, quais sejam: Santos (2007), Silva (2007), Sarmento (2009) e Oliveira et al (2012). Nas outras seis coleções analisadas, houve pelo menos uma menção a essa expressão nos capítulos sobre pronomes pessoais. São elas: Borgatto; Bertin e Marchezi (2009a e 2009b), Terra e Cavalette (2009), Projeto Araribá (2010), Delmanto e Carvalho (2012), Sargentin (2012) e Travaglia (2012). As atividades que envolvem o uso de "a gente", nestes livros, estão expostas nos anexos deste artigo (Anexo 2).

Apesar da maioria das coleções pesquisadas trazer alguma menção ao uso de "a gente", em grande parte delas não há uma discussão relevante sobre o caso. Terra e Cavalette (2009, p. 156) apenas apresentam, na seção de pronomes de seu livro didático, um texto no qual aparece o uso de "a gente" e, nas questões sobre o texto, perguntam a quem a expressão "a gente" está se referindo. No livro do Projeto Araribá (2010, p. 181), pede-se, sem qualquer apresentação ou discussão prévia, que se substitua "a gente" por algum pronome e se façam as alterações necessárias na frase. Sargentim (2012, p. 138) também, sem qualquer apresentação ou discussão prévia, traz atividades de reescrita de frases, só que com substituição de símbolos por "nós" ou "a gente", o que o aluno teria de decidir através da observação da conjugação dos verbos das frases apresentadas (alguns na 3ª pessoa do singular, outros na 1ª pessoa do plural). Assim, nota-se que, nesses três livros, não é trazida uma explicação sequer a respeito do uso de "a gente".

Já nas outras coleções pesquisadas, há melhores esclarecimentos sobre o uso de "a gente". Delmanto e Carvalho (2012, p. 211) apresentam um texto de um anúncio de jornal no qual aparece a expressão "a gente" e explicam que este não é um pronome, mas exerce a função de um. Nos exercícios, solicitam aos alunos que reescrevam frases, substituindo "a

gente” por “nós”, fazendo as adequações de conjugação necessárias. Ao final das atividades, perguntam se a troca de “a gente” por “nós” tornou as frases mais ou menos formais. Desta forma, fazem com que os alunos possam analisar o uso da língua e as variações de sentido causadas pelo uso de um ou outro pronome. Travaglia (2012, p. 27-29), assim como os outros autores aqui já citados, também não aprofunda muito as explicações sobre o uso de “a gente”, mas também traz um pouco mais de informação acerca do assunto. O autor mostra um diálogo informal no qual esta expressão aparece e explica que, naquele contexto, “a gente” tem o mesmo sentido de “nós”. Ainda ressalta que “nós” não é comumente usado na linguagem informal. Os exercícios trazidos sobre o assunto se resumem a trocar “nós” por “a gente” num diálogo para torná-lo mais informal.

Os autores que melhor elucidam o uso de “a gente” como pronome são Borgatto; Bertin e Marchezi (2009a e 2009b), que falam sobre o assunto nos livros do 6º e do 7º ano, em seções diferentes. No livro do 6º ano, os alunos são questionados quanto ao uso deste pronome no dia a dia, a que pessoa do discurso ele se refere. Além disso, também é solicitado que reescrevam a frase substituindo “a gente” por um pronome adequado para tornar a frase mais formal. Através destas perguntas, percebe-se que a concepção que se quer passar sobre o uso do pronome em questão é a de que seu uso deve ser feito na linguagem informal, de que na linguagem formal há outro pronome mais adequado (“nós”). Após estas perguntas, as autoras colocam a seguinte observação: “A expressão **a gente** é característica do uso da linguagem coloquial, familiar, do dia a dia. Geralmente corresponde ao pronome *nós*.” (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2009a, p. 207). Com esta explicação, fica clara a visão das autoras acerca do uso deste pronome. Outro fato que chama a atenção é o de que dizem que “a gente” corresponde “geralmente” ao pronome “nós”, mas não esclarecem em quais situações isso ocorre.

Já no livro do 7º ano, das mesmas autoras, há atividades envolvendo o uso de “a gente” na seção sobre linguagem formal e informal, que reforçam o que foi falado no livro do ano anterior. No enunciado da primeira atividade, as autoras já declaram que usar “a gente” no lugar de “nós” é comum na linguagem informal. Na questão número um (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2009b, p. 276), as possibilidades de respostas são variadas, pode-se substituir o sujeito “a gente” tanto por “nós” como por substantivos, como: “os brasileiros”, “o povo”, “o Brasil”. A segunda questão já traz uma reflexão sobre as diferenças de sentido entre o uso de “a gente” e “nós”, fazendo com que os alunos pensem nas mudanças de efeito de sentido, caso houvesse essa substituição na canção em discussão (“É”, de Gonzaguinha).

Na atividade número oito, ainda sobre a letra da música, as autoras propõem possíveis motivos para o uso repetitivo de “a gente”, para que os alunos possam pensar sobre o assunto e para que haja uma discussão sobre as razões entre a escolha de uma ou outra forma de expressão, de um ou outro tipo de linguagem. Logo após, as autoras colocam um trecho de um anúncio publicitário para análise da expressão “a gente”. As questões versam sobre o uso de “nós” ou “a gente”, no sentido de perceber a linguagem apropriada a cada tipo de público (mais formal ou menos).

Por fim, ainda no livro de BORGATTO; BERTIN e MARCHEZI (2009b, p. 278), há outra atividade envolvendo um texto de anúncio publicitário. As perguntas são sobre palavras que poderiam ser usadas no lugar de “a gente” e a quem a expressão estaria fazendo referência. Além disso, também é feita uma comparação com o anúncio anterior, perguntando se os dois têm o mesmo público-alvo e, da mesma forma como feito anteriormente, é solicitado ao aluno que reescreva o anúncio numa linguagem mais formal.

Assim, percebe-se que, nestes livros didáticos, a intenção, de modo geral, é de mostrar que existe o uso de “a gente” para expressar a 1ª pessoa do discurso e de que seu uso deve ser apenas na linguagem informal, tanto escrita quanto falada. Como demonstrado nesta seção, poucos livros (apenas um dos examinados nesta pesquisa) apresentam uma maior discussão e análise do uso de “a gente” como pronome pessoal. Os motivos para esta escassa atenção ao caso podem ser variados, como focar mais na língua culta como ela é trazida pelas gramáticas tradicionais, que não relatam o uso de “a gente”, apenas mostrando os pronomes pessoais já consagrados. Outro possível motivo poderia ser uma falta de habilidade para trazer um assunto mais atual e inovador, que ainda é pouco debatido em salas de aula de língua portuguesa, com receio de não ser bem aceito pelo público.

Como se acredita que este seja um assunto relevante para ser estudado pelos alunos do ensino básico, será apresentada então uma proposta de ensino sobre o uso de “a gente” como pronome pessoal para alunos do ensino fundamental.

3 Como introduzir este “novo” pronome no ensino escolar?

Como muitos livros didáticos ainda não trazem um aprofundamento sobre o uso de “a gente” como pronome pessoal no PB, e também não se encontram explicações suficientes sobre o caso em gramáticas da língua portuguesa, serão propostas nesta seção algumas atividades envolvendo os diferentes usos deste pronome, tanto na fala como na escrita. Tais

propostas têm o intuito de mostrar algumas direções do que pode ser tratado em sala de aula, de como abordar questões pertinentes sobre o uso de "a gente", sempre partindo de questões que façam o aluno pensar sobre o uso da língua e chegar a conclusões por ele mesmo e com o auxílio do professor, sem dar explicações prescritivas e prontas.

Assim como em qualquer atividade pedagógica, deve-se levar em conta a situação de ensino, a turma na qual o assunto será trabalhado, os recursos disponíveis. Para as atividades aqui propostas, será considerada a seguinte situação imaginária: uma aula de língua portuguesa para o 6º ano do ensino fundamental na qual os alunos estejam já trabalhando os conceitos de pronomes pessoais e pessoas do discurso. A conceituação que será levada em conta nesta proposta é a de que pronomes são palavras que substituem os substantivos e de que os pronomes pessoais têm uma função referencial de identificar as pessoas do discurso – isto é, as pessoas presentes numa situação de fala. Da mesma forma, imagina-se que os alunos já tenham noções básicas de sujeito das orações e um pouco de concordância verbal e nominal.

Também será considerado, nas atividades que envolvem textos, que antes do desenvolvimento de cada atividade será feita uma leitura silenciosa do texto, uma leitura oral e atividades de compreensão e interpretação.

Atividades I e II

Objetivo: Fazer o aluno perceber, através da análise de frases, os diferentes referentes que "a gente" pode ter e as diferenças de sentido que a escolha entre o uso de "nós" ou "a gente" pode ocasionar.

Atividade I: Observe os dois *slogans* da Rede Globo abaixo e responda às questões:

"A gente se liga em você."
"A gente se vê por aqui."

a) A quem o primeiro "a gente" se refere?

b) A quem o segundo "a gente" se refere?

c) Se trocássemos a expressão "a gente" das duas frases por "nós", como ficariam escritos os *slogans*? Essa mudança modificaria o sentido das frases?

Obs: Sobre a modificação do segundo *slogan*, o professor pode ressaltar o caso da evidenciação da ambiguidade da frase causado pelo uso de "nós". A frase original já tem uma ambiguidade, mas parece mais forte quando se substitui "a gente" por "nós".

d) Você considera melhor o uso de “a gente” ou “nós” nos *slogans*? Por quê?

Obs: Nesta questão, o professor pode auxiliar o aluno a perceber que o uso mais coloquial da frase, com “a gente”, transmite uma intimidade, uma identificação maior com o público, por falar do jeito que a maioria fala.

Atividade II: Observe o uso da expressão “a gente” nas frases abaixo e depois responda às questões:

a) Acho que fiquei muito bem nesta roupa! **A gente** tem que se valorizar, né?

b) Você não passou de ano? Então **a gente** não vai estudar mais juntas, que pena!

c) **A gente** colhe o que planta.

d) Minha mãe chegou tarde, por isso **a gente** vai viajar só amanhã.

e) – Oi Carlos, quer jogar hoje?

– Claro que sim! Vou chamar meu irmão também.

– Que bom, **a gente** forma um ótimo time!

1) Em qual frase “a gente” tem um sentido genérico, significando “qualquer pessoa”?

2) Em qual frase “a gente” tem um sentido de “eu + você + outra pessoa”?

3) Em qual frase “a gente” tem um sentido de “eu”? Por que você acha que não foi utilizado “eu” ao invés de “a gente” nesta frase? Haveria mudança de sentido?

4) Em qual frase “a gente” tem um sentido de “eu + ele(a)”?

5) Em qual frase “a gente” tem um sentido de “eu + você”?

6) Todas as frases poderiam ter o “a gente” substituído por “nós” sem alteração de sentido?

Atividade III

Objetivo: Fazer com que o aluno perceba que “a gente” não é um mero “substituidor” de “nós”, que, às vezes, o tipo de estrutura da frase não permite uma simples substituição de um por outro.

Atividade: É possível substituir “nós” por “a gente” em qualquer frase? Observe as frases abaixo e relate suas conclusões.

a) Nós, brasileiros, somos um povo alegre.

b) Nós três somos irmãos.

c) Todos nós iremos jogar.

Obs: Após as conclusões dos alunos, o professor pode, com a turma, pensar em formas de adaptar as frases, para fazer uso de “a gente”.

Atividade IV

Objetivo: Auxiliar o aluno a perceber que formas estigmatizadas de uso da língua podem ser adequadas ou não a diferentes contextos de uso.

Atividade: A expressão "a gente" é muito usada como pronome pessoal nas músicas brasileiras. Na canção "Inútil", do Ultraje a Rigor (Anexo 1), este pronome aparece em vários versos. Observe o trecho destacado:

"A gente não sabemos tomar conta da gente
A gente não sabemos nem escovar os dente
Tem gringo pensando que nóis é indigente
Inútil
A gente somos inútil"

a) Segundo a norma culta gramatical, a conjugação verbal nestes versos estaria adequada a qualquer situação de uso da língua? Explique.

b) Por que você acha que o autor desta letra fez a conjugação dos verbos desta forma?

c) A música teria o mesmo efeito de sentido se as conjugações fossem feitas como ditam as normas tradicionais da língua?

d) Normalmente, quando você lê ou ouve alguém falar usando "a gente" como sujeito, a frase é escrita/dita como na música, ou de forma diferente? Explique.

Obs: Neste momento, o professor pode mediar uma discussão a respeito do estigma que recai sobre quem usa esse tipo de conjugação como na música, sobre porque esse tipo de julgamento não é correto: é um comportamento que reforça a exclusão social. Em seguida, pode falar, por outro lado, que também é importante adequar a escrita/fala às diversas situações de discurso em que a pessoa pode se encontrar – o que é uma defesa contra o estigma e a exclusão social.

Atividade V

Objetivo: Estimular o aluno a examinar as situações discursivas que aceitam melhor o uso de "a gente" como pronome pessoal.

Atividade: Observe as situações e as frases abaixo e reflita sobre a escolha entre o uso dos pronomes "a gente" e "nós". Se a escolha entre um ou outro for indiferente para o contexto, marque (I). Se for aconselhável uso de "nós" marque (N):

( ) Nós vamos ao cinema hoje? (SMS entre namorados)
A gente vai ao cinema hoje?

( ) Nós podemos concluir, com esta pesquisa, que há diferentes tipos de migração. (trabalho acadêmico)

A gente pode concluir, com esta pesquisa, que há diferentes tipos de migração.

( ) Nós, abaixo assinados, defendemos a aprovação do projeto de lei que regulamenta a profissão médica em todo o país (PLS nº 25/02). (abaixo-assinado)

A gente, assinando este documento, defende a aprovação do projeto de lei que regulamenta a profissão médica em todo o país (PLS nº 25/02).

( ) Nós temos os melhores preços pra você! (propaganda)

A gente tem os melhores preços pra você!

( ) Então nós resolvemos ser apenas amigos, para facilitar as coisas. Antes amigos hoje, do que ex-namorados amanhã. (trecho de narrativa escrita para avaliação de Língua Portuguesa, na escola)

Então a gente resolveu ser apenas amigos, para facilitar as coisas. Antes amigos hoje, do que ex-namorados amanhã.

Obs: Após a realização da atividade pelos alunos, é interessante um debate sobre as respostas e seus motivos entre os alunos e o professor.

Atividade VI

Objetivo: Fazer com que o aluno perceba as concordâncias do pronome sujeito "a gente" com o pronome possessivo e adjetivos, assim como veja seu uso concomitante com o pronome "nós".

Atividade: Analise as palavras sublinhadas nas frases abaixo, relacionando-as com o pronome "a gente" e responda às questões:

a) "A gente dança a nossa dança, a gente dança." ("Música de rua", Daniela Mercury).

b) "Tem coisas da gente que não são defeito nem erro: são só jeito da gente ser." (frase atribuída a Caio Fernando Abreu).

c) "A sua prosperidade, a gente vai celebrar juntos." (propaganda Santander Banespa).

d) "Quando a gente está cansado, dá uma bruta vontade de dizer que sim." (frase atribuída a Millôr Fernandes).

e) "A gente até os cumprimentava com certo alívio. [...] logo estarão entre nós, continuando a matança." (Crônica "Brasileiro bonzinho?", Lya Luft, Revista Veja).

1) Quais são as palavras usadas para expressar posse, com relação a "a gente"?

2) É possível usar “a gente” e “nós” como pronome da 1ª pessoa do discurso num mesmo texto?

3) Como ocorre a concordância nominal de “a gente” com adjetivos? Devem ficar no feminino e no singular, pois “gente” é um substantivo feminino singular, ou pode concordar em gênero e número com a(s) pessoa(s) que fala(m)? Justifique sua resposta.

Obs: Para um melhor aproveitamento das questões levantadas, o professor pode discutir as respostas com os alunos, a fim de esclarecer alguns pontos e mostrar como a gramática tradicional vê a situação e como é o real uso pelos falantes do PB.

Considerações Finais

O presente artigo teve o objetivo de trazer uma proposta pedagógica para o desenvolvimento de um trabalho que abrangesse a questão do uso de “a gente” como pronome pessoal nas escolas, nas aulas de língua portuguesa. O tema em pauta foi considerado relevante pela constatação, através da revisão de diversas pesquisas já realizadas anteriormente, de que o pronome “a gente” está sendo amplamente utilizado pelos falantes do PB, tanto na escrita quanto na fala, havendo casos em que o “nós” já está quase caindo em desuso, entre as crianças e jovens, por exemplo.

Através da pesquisa feita sobre o uso de “a gente” na fala e na escrita, percebeu-se que, ao contrário do que é largamente disseminado nas gramáticas e livros didáticos, esta expressão é utilizada por muitos falantes considerados cultos (com formação superior, com altos cargos na sociedade), inclusive por escritores famosos do Brasil. E também constatou-se que há muitos exemplos de “a gente” sendo usado como pronome sujeito em textos escritos, literários ou não.

Apesar destas pesquisas e dos numerosos estudos teóricos já realizados explorando esta questão, muitas gramáticas e livros didáticos de língua portuguesa ainda não tratam do assunto, ou o fazem superficialmente. Entre os livros que mencionam o uso de “a gente”, grande parte restringe-se a explicar que se trata de um uso da linguagem informal e a propor atividades de simples reescrita de frases, com substituição de “a gente” por “nós”.

Por perceber que há mais tópicos interessantes a serem discutidos e trabalhados com os alunos, foi feita uma proposta pedagógica que visa explorar as nuances de sentido que as escolhas pronominais podem causar, no fato em estudo. Também houve uma preocupação em fazer atividades que estimulassem o pensamento crítico dos alunos sobre a linguagem, sem

dar respostas prontas e prescritivas, mas fazendo-os analisar por ângulos diferentes cada uso da língua, a fim de formarem uma opinião com mais consciência linguística.

Assim, pretende-se que esta revisão teórica e esta proposta sirvam como um incentivo para que o assunto seja mais bem elucidado nas escolas brasileiras e que esta proposta de ensino sirva como uma ideia do que pode ser feito e de estímulo para a criação de outros projetos mais aprimorados, visando um ensino de língua portuguesa mais conectado com a realidade desta língua e dos alunos brasileiros.

Referências

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2012.

BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

_____. *Nada na língua é por acaso:* por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 1988.

BOJUNGA, Lygia. *Tchau*. 18. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2008.

BORGATTO, Ana T.; BERTIN, Terezinha C. H.; MARCHEZI, Vera. *Tudo é linguagem*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2009a. 6º ano.

_____. *Tudo é linguagem*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2009b. 7º ano.

BORGES, Paulo R. S. A pessoalização do pronome *a gente* sob a perspectiva da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 39, n 4, p. 163-172, dezembro, 20004.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

CASTILHO, Ataliba. T. de e BASILIO, Margarida. (orgs.). *Gramática do Português Falado*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1996. 4 v.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48. ed. Ver. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luis F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DELMANTO, Dileta; CARVALHO, Laiz B. de. *Jornadas.port*. São Paulo: Saraiva, 2012.

ILARI, Rodolfo. et al. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para análise. In: CASTILHO, Ataliba. T. de e BASILIO, Margarida. (orgs.). *Gramática do Português Falado*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1996. 4 v.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 8. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

_____. *Novo Manual de Português, gramática, ortografia oficial, redação, literatura, textos e teses*. 16. ed. São Paulo: Globo, 1991.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNES P, 2000.

_____. *Guia de uso do português. Confrontado regras e usos*. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.

OLIVEIRA, Tânia Amaral. et al. *Tecendo linguagens*. 3. ed. São Paulo: IBEP, 2012.

PROJETO ARARIBÁ. *Português*: ensino fundamental. Obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna; editora executiva: Áurea Regina Kanashiro. São Paulo: Moderna, 2010.

ROCHA LIMA, F. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 36. ed. retocada e enriquecida. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

SANTOS, Maria das Graças Vieira Proença dos; HORTA, Maria Regina Figueiredo. *Ler, entender, criar*: Língua portuguesa. São Paulo: Ática, 2007.

SARGENTIN, Hermínio G. *Linguagens e textos*: língua portuguesa ensino fundamental. 2. ed. São Paulo: IBEP, 2012.

SARMENTO, Leila Lauar. *Português*: leitura, produção, gramática. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2009.

SCHMITZ, John R. Coisa da Gente. *Revista Língua Portuguesa*, ano I, n. 11, p. 44-46, 2006.

SILVA, Antônio de Siqueira e. *Caderno do futuro*: língua portuguesa. 2. ed. São Paulo: IBEP, 2007.

TERRA, Ernani. *Minigramática*. São Paulo: Scipione, 1995.

TERRA, Ernani; CAVALLETE, Floriana T. *Projeto Radix*: Gramática. São Paulo: Scipione, 2009.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A Aventura da Linguagem*. Belo Horizonte: Dimensão, 2012.

ZILLES, Ana M. S. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de *a gente*? *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 27-44, junho, 2007.

_____. The development of a new pronoun: the linguistic and social embedding of *a gente* in Brazilian Portuguese. *Language Variation and Change*, v. 17, n.1, p. 19-53, 2005.

Anexos

Anexo 1 – Música "Inútil", Ultraje a Rigor

Inútil
Compositor: Ultraje a Rigor

A gente não sabemos escolher presidente
A gente não sabemos tomar conta da gente
A gente não sabemos nem escovar os dente
Tem gringo pensando que nóis é indigente

(Refrão)

Inútil
A gente somos inútil
Inútil
A gente somos inútil
Inútil
A gente somos inútil
Inútil
A gente somos inútil

A gente faz carro e não sabe guiar
A gente faz trilho e não tem trem prá botar
A gente faz filho e não consegue criar
A gente pede grana e não consegue pagar

(Refrão)

A gente faz música e não consegue gravar
A gente escreve livro e não consegue publicar
A gente escreve peça e não consegue encenar
A gente joga bola e não consegue ganhar[9]

Anexo 2 – trechos dos livros didáticos analisados

[9] Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/ultraje-a-rigor/inutil.html>. Acesso em 01 mar. 2014.

3 Leia a tira:

JOAQUIN SALVADOR LAVADO (QUINO)/ACERVO DO ARTISTA

QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 411.

No segundo quadrinho, a personagem diz: "*... eles não se importam nem um pouquinho com* ***a gente***".

a. Na linguagem do dia a dia a expressão *a gente* refere-se a que pessoa do discurso?
Refere-se à primeira pessoa do plural (a pessoa que fala), *nós*.

b. Rescreva essa frase em linguagem mais formal, substituindo a expressão *a gente* pelo pronome adequado. ... eles não se importam nem um pouquinho *conosco*.

A expressão **a gente** é característica do uso da linguagem coloquial, familiar, do dia a dia. Geralmente corresponde ao pronome *nós*.

c. No terceiro quadrinho, a que palavra se refere o pronome *consigo*? À palavra *eles*.

DESAFIO

Vamos ver quem descobre primeiro.

Explique a diferença entre um **a** e outro utilizado em cada uma das frases dadas abaixo.

Quem descobrir deve levantar a mão e mostrar por escrito só para o/a professor/a, que vai dizer quem foi o primeiro a acertar.

a. A velha casa finalmente seria reconstruída com **a** ajuda de vários artistas.
b. A avó de Paulo gosta muito dele: todos os dias ele **a** ajuda em suas tarefas.

Prof./a: o objetivo é fazer os alunos comparar palavras iguais com funções diferentes. As hipóteses iniciais dos alunos podem ser várias. O importante é que percebam que uma acompanha o substantivo (é artigo) e a outra substitui a expressão *a avó* (é pronome).

GLAIR ALONSO/ARQUIVO DA EDITORA

Atividade escrita

1 No caderno registre a forma do texto que mais agradou a você, isto é, a que você escolheria para ser publicada na revista.
Lembre-se de que o sujeito *"Liege da Silva"* pode ser substituído por expressões como *a garota*, *a moça*, *a jovem*, *a alegre garota*, *a estagiária*, *a estudante*, ou por pronome.
Observe que mesmo a substituição pode se tornar cansativa; o recurso, então, é o sujeito oculto.

2 Leia seu texto para seus colegas e ouça o texto deles.

3 Juntos, escolham o texto que vocês considerarem melhor para ser publicado.

4 Para pensar e analisar com os colegas: qual a importância de reconhecer e utilizar o sujeito de várias formas? Sugestão: O reconhecimento do sujeito e das possibilidades de uso contribui para a utilização de recursos na produção de textos, para torná-los mais concisos, elegantes, e para atender às diversas circunstâncias e intenções.

Linguagem formal e linguagem informal

ILUSTRAÇÕES: FAIFI/ARQUIVO DA EDITORA

A letra da canção composta por Gonzaguinha, reproduzida a seguir, mostra que o uso da expressão "a gente" no lugar do sujeito "nós" na língua portuguesa é muito comum em situações informais.

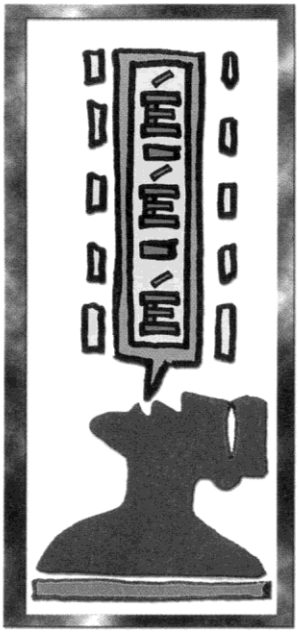
Leia (ou cante, se souber) a letra de *É* e confira:

É

Gonzaguinha

É
A gente quer valer o nosso amor
A gente quer valer nosso suor
A gente quer valer o nosso humor
A gente quer do bom e do melhor

A gente quer carinho e atenção
A gente quer amor no coração
A gente quer suar, mas de prazer
A gente quer é ter muita saúde
A gente quer viver a liberdade
A gente quer é ter felicidade



É
A gente não tem cara de panaca
A gente não tem jeito de babaca
A gente não está com a bunda
exposta na janela
pra passar a mão nela

É
A gente quer viver pleno direito
A gente quer viver todo respeito
A gente quer é ser uma nação
A gente quer é ser um cidadão.

GONZAGUINHA. É. CD *Simples saudade*. BMG, VE11085.

Atividade oral

Responda com base nessa letra de música:

1 Na sua opinião, que palavras poderiam substituir o sujeito *"a gente"*, levando em conta o conjunto do texto? Prof./a: analise com os alunos as várias possibilidades: *nós, o brasileiro*, os brasileiros, a nação brasileira, o Brasil, o povo, o povo brasileiro...

2 Se a letra da música fosse escrita numa variedade mais formal, provavelmente se utilizaria *nós* no lugar da expressão *"a gente"*. Leia os versos iniciais fazendo a substituição e as adequações necessárias.
Na sua opinião, que efeito essa alteração traz para a letra da música? O texto fica melhor com ela? Justifique sua resposta. Prof./a: essa substituição quebrará o ritmo e o tom mais irônico e crítico da música. É importante que os alunos percebam que o uso da língua mais ou menos formal é uma escolha do usuário, a qual é condicionada pela intenção, pela situação... Portanto o uso de "a gente" na letra da música é adequado.

3 Nessa letra, o eu poético parece estar conversando com alguém a quem se mostra indignado. Quem poderia ser o interlocutor a quem essa indignação é dirigida?
Sugestão: O autor parece voltar sua indignação aos dirigentes do país.

4 Releia os versos 15, 16 e 17 da letra de música. Na sua opinião, o uso da linguagem está adequado ou inadequado ao texto? O autor poderia ter expressado a mesma ideia de outra forma? Justifique sua opinião.

5 O uso de termos de baixo calão, que a maioria das pessoas chama de *palavrão*, pode ser visto como a explosão da indignação do eu poético.
Leia como o *Dicionário Houaiss* define a expressão *baixo calão*:

> **baixo calão**: linguajar ou vocabulário vulgar, grosseiro ou obsceno.

a. Há situações em que o uso dessas palavras ou expressões é justificado?

b. Quais as consequências do uso indiscriminado ou sem controle de palavrões ou palavras de baixo calão? Prof./a: considerando os usos linguísticos, é importante que os alunos reflitam sobre o uso de expressões vulgares, como o palavrão. A reflexão sobre a adequação ou inadequação desse uso deve levar em conta o contexto, a situação em que está inserido, etc. Na discussão, devem-se respeitar os valores (religiosos, familiares, culturais, ideológicos, de foro íntimo) de cada um. Dê oportunidade a todos de se manifestar.

6 Ao longo do texto, a frase que mais se repete é *"A gente quer"*. Há um ditado popular que diz: "Querer é poder". Na sua opinião, querer intensamente é bastante para conseguir aquilo que se deseja? Prof./a: observar que o querer de cada um, além dos limites da ação, encontra os limites do querer do *outro*, que precisa ser respeitado.

7 Releia os quatro últimos versos da letra de música e responda: para ter *direito* e *respeito* e para *ser nação* e *cidadão* basta querer? Justifique sua resposta. Prof./a: discuta com os alunos a importância da iniciativa e do empenho, associados ao conhecimento, à solidariedade, à tolerância, à generosidade, ao senso crítico, enfim a valores humanos e éticos, para não se correr o risco de apenas cobrar atitudes dos outros sem a contrapartida do comprometimento pessoal.

8 Qual seria a provável intenção do compositor ao repetir a expressão *"a gente"* em vez de usar outras palavras ou expressões com o mesmo sentido? Copie no seu caderno a(s) alternativa(s) que, na sua opinião, determinou(aram) a escolha do compositor:

a. O compositor está aprendendo a língua portuguesa e tem dificuldade de combinar palavras.

b. O compositor conhece muito pouco a língua portuguesa.

c. O compositor quer que sua música seja mais popular, por isso usou uma variedade mais informal.

d. O compositor quer que qualquer cidadão brasileiro se identifique com o que diz a música.

e. O compositor se inclui entre os que formam a nação.

f. O compositor usou o sujeito *"a gente"* porque teria dificuldade de flexionar o verbo se usasse outras palavras como sujeito.

g. O uso de *"a gente"* parece tornar mais irônica a crítica que o compositor faz.

Atividade escrita

Prof./a: se achar conveniente, fazer essa atividade em dupla, para que haja discussão.

Leia e analise outros registros de uso da expressão *"a gente"*.

REPRODUÇÃO/ARQUIVO DA EDITORA

PUBLICIDADE

Tchau, tchau

NUNCA FOI TÃO FÁCIL SECAR UMA ESPINHA

A gente acha que cuidar da pele dá trabalho. Que nada! Chato mesmo é encarar aquela espinha que insiste em aparecer na cara da gente nas horas impróprias: o primeiro dia de aula ou o encontro com o menino que a gente está a fim. Pele bem cuidada dá uma levantada incrível no visual, né? Então, mãos à obra com a linha Clearskin da Avon, que tem oito produtos que facilitam a nossa vida. Além de combaterem a acne (eles são feitos com ácido glicólico, um poderoso derivado da cana-de-açúcar), eles deixam a pele super-hidratada.

Anúncio criado para a Avon, publicado na revista *Capricho*, São Paulo: Abril, mar. 2004, p. 48. Reprodução parcial.

A gente acha que cuidar da pele dá trabalho. Que nada! Chato mesmo é encarar aquela espinha que insiste em aparecer na cara da gente nas horas mais impróprias: o primeiro dia de aula ou o encontro com o menino que a gente está a fim. (...)

1 Leia o trecho que ampliamos do anúncio publicitário.

a. Considerando a linguagem utilizada e o assunto do anúncio, a que público você imagina que ele se destina? Destina-se a um público feminino jovem, provavelmente adolescentes.

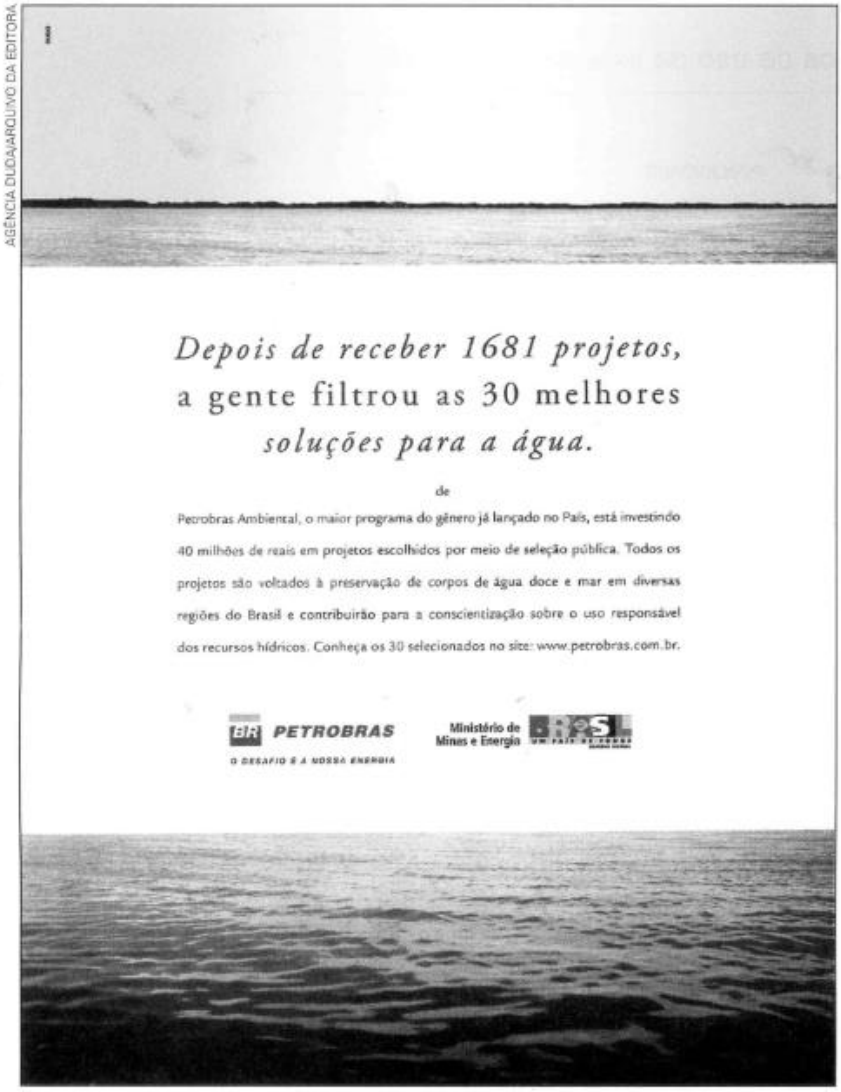
b. Faça uma lista de palavras ou expressões do texto que são próprias da linguagem mais coloquial, que seria utilizada por esse grupo a que se destina o anúncio.
A gente, chato, encarar, cara, está a fim.

c. Agora leia em voz alta o mesmo trecho substituindo a expressão *"a gente"* por *nós* e fazendo as adaptações necessárias.
Na sua opinião, a linguagem ficaria adequada ao público a que se destina?

d. Imagine que o mesmo produto fosse destinado a um público adulto, de profissionais que necessitam manter boa aparência em seu trabalho. Como ficaria o trecho se, no lugar de *"a gente"*, fosse utilizada a expressão *"os senhores"*?
Reescreva-o, fazendo a concordância adequada e adaptando a linguagem para um padrão mais formal.
Depois, leia-o em voz alta, com a entonação adequada a uma situação mais formal.
Prof./a: há várias possibilidades de adaptação. Sugestão: Os senhores acham que cuidar da pele dá trabalho. Mas isso não é nada se comparado à situação de exibir uma espinha que insiste em aparecer em seu rosto em horas impróprias: diante de um cliente ou de um encontro muito importante.

2 Considere este outro anúncio publicitário:

AGÊNCIA DUDA/ARQUIVO DA EDITORA



Anúncio da Agência Duda para a Petrobras Ambiental, publicado na revista *Veja*, 4 ago. 2004, p. 146.

c. Prof./a: o objetivo é que os alunos percebam que, embora a mesma expressão seja utilizada, o conteúdo da mensagem destina-se a um público mais amplo (interessados em projetos sobre a água, ecologistas, ambientalistas...). A expressão apenas caracteriza um uso coloquial.

d. Prof./a: mostre aos alunos que o uso da linguagem informal é recurso para tornar a imagem da empresa mais próxima do público. Observar que, em mensagens publicitárias, tanto "nós" como "a gente" incluem o interlocutor (*eu + você*) e são usados para envolver o destinatário das mensagens com o que é do interesse do anunciante, o qual, na mesma mensagem, também aparece em 3ª pessoa, com nome próprio.

a. Que palavra poderia substituir a expressão *"a gente"* na chamada desse anúncio?
A expressão "*a gente*" poderia ser substituída por "nós" ou por "a Petrobras Ambiental".

b. A quem a expressão está se referindo? Refere-se à empresa anunciante, Petrobras Ambiental.

c. Pelo emprego da expressão *"a gente"*, pode-se afirmar que esse anúncio publicitário é destinado ao mesmo público do anúncio anterior? Justifique sua resposta.

d. Com que intenção teria sido utilizada a linguagem informal nesse anúncio?

e. Em que sentido foi utilizado o verbo *filtrar* na chamada do anúncio?
No sentido de "selecionar".

f. Com que intenção se usou esse verbo? Com a intenção de relacionar o conteúdo da mensagem com a ideia de água. Prof./a: a palavra *soluções* (respostas, saídas) também tem o sentido de "líquido em que se dissolvem substâncias", ou seja, faz parte da constelação de palavras relacionadas à *água*. Esse recurso de uso de palavras de uma mesma "constelação" é muito empregado em textos publicitários.

g. Imagine que a intenção do anunciante fosse divulgar esse texto em um comunicado oral e mais formal para o público interessado nos resultados da seleção. Como poderia ficar a frase da chamada do anúncio?
Reescreva-a em seu caderno e em seguida leia-a em voz alta, imprimindo à leitura uma entonação mais formal, como se você fosse o encarregado de fazer o comunicado para o público. Sugestão: Depois de receber 1 681 projetos, a Petrobras Ambiental selecionou as 30 melhores soluções para a preservação da água.

CAPÍTULO 13

O pronome (II)

"[...] A Pâmela é minha melhor amiga desde a quarta série. Melhor amiga é aquela que sabe tudo da gente. Quando a mãe está brava e grita, que nem no sábado quando eu disse que não queria levar o Platão para passear porque eu tinha de combinar de ir ao cinema à tarde e não dava tempo de fazer os dois, ela berrou que na hora de escolher ter cão ou canário eu tinha chorado que o passarinho não tinha a menor graça. E que prometera sair com ele uma vez por dia. E que ela bem que tinha avisado que cachorro precisa se distrair com outros cheiros porque se ele fica sem assunto dá de cavar uns tremendos buracos no jardim. Pois assim que a minha mãe desligou o berrômetro, ainda com meus ouvidos zunindo, liguei para a Pâmela e contei tudo para ela. Como a minha mãe era chata e mandona e ficava reclamando de tudo. E no que fui contando e a Pâmela dizendo: 'Sim, sim, pois é, elas são assim mesmo, minha mãe é igualzinha', a minha raiva foi passando e eu até fiquei com vontade de botar o Platão na coleira e dar uma volta no quarteirão.

Melhor amiga é aquela que entende mesmo quando a gente não sabe explicar direito. Feito a coisa com o Fernando. Ele cismou comigo. No ônibus, quando a gente volta para casa, ele quer sentar no meu banco para ficar me enchendo. Fica mexendo no meu rabo de cavalo, rouba meu lápis só de farra, pisa no meu tênis novo e me chama de 'baby', que é o apelido que meu irmão me deu e eu detesto. Mas uma coisa que eu não entendo, e só digo para a Pâmela, é que quando ele falta na escola ou entra atrasado no ônibus e o meu banco já foi ocupado, fico um pouquinho chateada. É um pouquinho só, mas ficar eu fico. Não é esquisito? Pois a Pâmela entende. [...]"

PINSKY, Mirna Gleich. Quando eu não consigo dormir. In: PRIETO, Heloisa (Org.). *O livro dos medos*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2004. p. 9-10.

Alberto Llinares/Arquivo da editora

1a. **Minha** refere-se ao substantivo **amiga** e, ao mesmo tempo, à primeira pessoa (**eu**), estabelecendo relação entre a amiga e a pessoa que fala; **tudo** refere-se ao verbo **saber** (é seu complemento), indicando de modo vago as várias coisas que uma amiga sabe. 1b. A expressão **a gente** indica a pessoa que fala e, genericamente, todas as pessoas que se encontram na mesma situação do falante.

2. **Professor(a):** Comente com os alunos que a expressão **a gente** é usada como pronome. Diga a eles também que, no trecho "cachorro precisa se distrair", o pronome **se** refere-se a **cachorro** (ele se distrai, ou seja, distrai a si próprio).

2b. ela (a mãe), elas (as mães); ele (Platão, o cachorro); se (o cachorro); ele (Fernando); aquela (a amiga)

3b. **Professor(a):** Comente com os alunos que os pronomes **ele(s)**, **ela(s)**, quando precedidos de preposição, exercem a função de complemento.

PARA COMEÇAR

1 Releia este trecho: "A Pâmela é minha melhor amiga desde a quarta série. Melhor amiga é aquela que sabe tudo da gente.".

a) A que se referem os pronomes **minha** e **tudo** nesse trecho?

b) E a expressão **a gente**, refere-se a quem?

2 Releia o texto e destaque ocorrências de pronomes que representam:

a) a pessoa que fala; eu; me; comigo

b) de que(m) se fala.

3 Indique a função sintática dos pronomes destacados nos trechos a seguir: ▶ predicativo pode vir com preposição **de** ou não (Chamei-o de bobo / Chamei-o bobo; Chamei-lhe de bobo / Chamei-lhe bobo). Comente com os alunos, caso ache conveniente.

a) "[...] **ela** berrou que na hora de escolher ter cão ou canário **eu** tinha chorado [...]" ela: sujeito; eu: sujeito

b) "[...] liguei para a Pâmela e contei tudo para **ela**." objeto indireto

c) "Fica mexendo no **meu** rabo de cavalo, rouba **meu** lápis só de farra, pisa no **meu** tênis novo e **me** chama de 'baby' [...]" meu: adjunto adnominal; me: objeto direto

3c. **Professor(a):** Nesse exemplo, o pronome pessoal oblíquo **me** pode ser classificado também como objeto indireto. Trata-se de um caso particular da regência do verbo **chamar**, em que ele pode ser usado como transitivo direto ou como transitivo indireto e o ▶

1a. *Eles* relaciona-se à 3ª pessoa do discurso porque se refere aos patos (*eles*, de quem se fala); *você* refere-se à 2ª pessoa, pois representa com quem se fala, o interlocutor (o Recruta Zero); *eu* refere-se à 1ª pessoa, aquele que fala (Recruta Zero). Professor: é importante que os alunos identifiquem as pessoas na tira, mesmo que não conheçam os nomes das personagens.

·lacione os pronomes *eles*, *você* e *eu* que aparecem na tira pessoas do discurso a que se referem. 1a

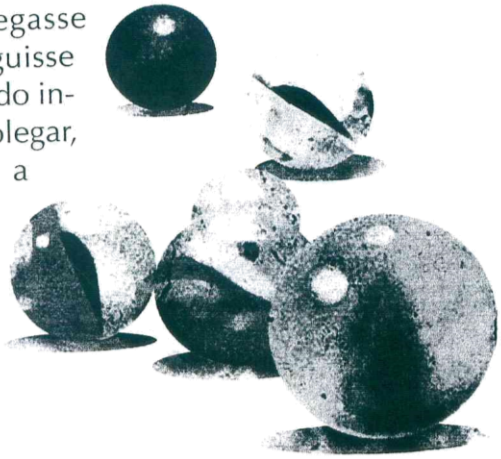
á na tira dois pronomes adjetivos. Identifique-os. Esses e meu.

uais substantivos esses pronomes acompanham? Esses: patos; meu: sonho.

á no texto um pronome oblíquo. Encontre-o e indique a essoa a quem se refere. Me; refere-se à 1ª pessoa.

este fragmento de texto.

Duvido que se hoje pegasse na bola de gude conseguisse uilibrá-la na dobra do dedo in-:ador sobre a unha do polegar, anto mais jogá-la com a ecisão que tinha quando a garoto.



LUIS FERNANDO VERISSIMO. Vivendo e... *Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. © by Luis Fernando Verissimo.

\ que substantivo se referem os pronomes ›essoais destacados? Bola de gude.

Qual é o efeito do uso desses pronomes para o texto? Espera-se que os alunos percebam que esses pronomes destacados substituem o substantivo *bola de gude*, evitando sua repetição. Isso faz com que o texto fique mais elegante, conciso e agradável de se ler.

a a tira.

JIM DAVIS

FIELD

Por que a cabeça de Jon está doendo? Porque ele considera a pergunta que fez muito difícil de ser respondida.

Escreva novamente a fala do primeiro quadrinho, substituindo *a gente* por um pronome que possa corresponder a essa expressão. Faça as alterações necessárias. Eu cheguei à idade em que *nós nos fazemos* todas aquelas perguntas difíceis, Garfield.

mplete as frases a seguir com o pronome de tratamento equado.

Como a cerimônia já terminou, Vossa Majestade gostaria de voltar a seus aposentos? (rainha)

Vossa Senhoria está convidada para presidir a reunião dos funcionários da escola. (chefe, autoridade)

Durante as comemorações de 7 de setembro, Sua Excelência desfilou em carro aberto. (autoridade do governo)

Mort Walker. *O Estado de S. Paulo*, 4 mar. 2005.

a) Na primeira tira, qual é o problema do garoto Calvin? Quebrou os binóculos do pai.

b) Se acidentes podem acontecer com qualquer um, que motivo o pai de Calvin teria para "dar um ataque", ou seja, ficar zangado com o menino?
Calvin não tomou cuidado com os binóculos: estava jogando-os para cima enquanto corria (isto é, ele criou condição para o acidente acontecer).

c) Na segunda tira, qual é o problema do recruta Zero? Seu relacionamento com o sargento, seu chefe.

d) Pelo que acontece na tira, percebemos que o recruta Zero "deixa" o sargento pensar que é mais forte que ele? Ou o sargento é realmente mais forte? O sargento é mais forte.

e) Na primeira tira, a que se refere o pronome **eles** na frase "Eu deixei eles caírem"? Aos binóculos.

f) Na segunda tira, a quem se refere o pronome **o** na frase "Eu o deixo pensar que manda em mim!"?
Ao sargento.

g) Observe o uso do pronome em "Eu **o** deixo pensar que manda em mim". Você usa o pronome **o** em frases como essa quando está conversando com seus amigos? E em outras situações?
Resposta pessoal.

h) Compare: Qual das frases a seguir tem linguagem mais formal? A frase **I**.

I. "Eu o deixo pensar que manda em mim."

II. Eu deixo ele pensar que manda em mim.

O texto a seguir foi tirado de uma notícia. A expressão destacada, mesmo não sendo um pronome, tem a função de um pronome no texto. Veja.

"Tivemos tropeços bobos e torcer é o que nos resta. Tivemos aquela sequência de sete jogos sem ganhar, o que atrapalhou. Mas depois disso **a gente** se manteve. Voltamos a depender só da gente depois da vitória sobre o Cruzeiro, mas o empate contra o Vitória doeu", lembrou o goleiro [...]

Folha de S.Paulo, 1º dez. 2010.

a) Reescreva no caderno a terceira frase desse texto trocando **a gente** por **nós**. Faça as adaptações necessárias. Mas depois disso nós nos mantivemos.

b) Reescreva as frases a seguir no caderno, fazendo a mesma substituição.

I. A gente ficou completamente sem fala diante da grande Muralha da China. (Relato de viagem publicado em uma revista para adultos.) Ficamos/Nós ficamos completamente sem fala diante da grande Muralha da China.

II. A gente está escrevendo esta carta para pedir mais lixeiras nos corredores. (Carta ao diretor da escola.)
Estamos/Nós estamos escrevendo esta carta para pedir mais lixeiras nos corredores.

c) A substituição da expressão **a gente** pelo pronome **nós** tornou essas duas frases mais formais ou mais informais? Mais formais.

Professor: A expressão a gente é característica da linguagem coloquial, tanto escrita como oral. Explique aos alunos que, quando o pronome pode ser facilmente subentendido, não há necessidade de vir explícito na frase.

4 No caderno, transcreva os textos eliminando os pronomes pessoais que forem desnecessários à frase.

a) Hoje Pedro acordou de mau humor. Ele bateu a porta na cara do vendedor. Ele deu bronca no cachorro. Ele brigou com o irmão.
Hoje Pedro acordou de mau humor. Bateu a porta na cara do vendedor. Deu bronca no cachorro. Brigou com o irmão.

b) Eu precisava fazer a pesquisa. Eu coloquei os livros sobre a mesa. Eu coloquei mas não os abri. Eu olhava o telefone. O telefone não tocava...
Precisava fazer a pesquisa. Coloquei os livros sobre a mesa. Coloquei mas não os abri. Olhava o telefone. O telefone não tocava...

5 Leia:

A – No intervalo, **escreveu** o *e-mail*.

B – No intervalo, **escrevi** o *e-mail*.

Mudamos o sujeito do verbo de:

terceira pessoa	para	**primeira pessoa**
↓		↓
ESCREVEU		ESCREVI

Faça o mesmo:

a) Logo que colocou os objetos embaixo da carteira, ele encontrou o roteiro.
Logo que coloquei os objetos embaixo da carteira, encontrei o roteiro.

b) Ficou bastante aborrecido, colocou a carta no bolso, não mostrou para ninguém. Fiquei bastante aborrecido, coloquei a carta no bolso, não mostrei para ninguém.

c) Quase no final da aula, ele criou coragem e olhou para trás.
Quase no final da aula, eu criei coragem e olhei para trás.

6 Observe a transformação:

A – Josué saiu e Dora saiu. **B** – Josué e Dora saíram.

Transformamos duas orações em uma única oração. Faça o mesmo:

a) Mônica chorou e Kika chorou. Mônica e Kika choraram.

b) Raquel escreveu e André escreveu. Raquel e André escreveram.

c) O produtor veio e o fotógrafo veio. O produtor e o fotógrafo vieram.

7 No caderno, copie as frases substituindo os símbolos por **a gente** ou **nós**.

a) ⊛ estamos longe, mas podemos nos comunicar por *e-mail*. Nós.

b) Os pais do Guto vêm aqui em casa. ⊛ vamos almoçar juntos. Nós.

c) A nossa turma aqui mudou um pouco. ⊛ está menos criança. A gente.

Travaglia 2012

d) **Querem saber** qual é a língua desse moço? presente

e) Como eu sou Ninguém **prefiro deixar** pra lá. presente

f) A voz **continuava** gritando. passado

NÃO ESQUEÇA!

Os **VERBOS** são palavras que, indicando época,

- ligam e atribuem um estado ou característica aos seres. Exemplos: ser, estar, ficar, parecer, permanecer, andar.
  - Os olhos de Zé Ninguém **ficaram** cheios de lágrimas.
  - O moço **anda** triste.
- expressam:

a) *ação*: algo que um ser faz. Exemplos: nadar, pedir, gritar, cavar, andar, comprar, escrever, etc.
- O moço **abraçou** a coruja.
- Zé Valente e Zé Ninguém **andaram** pela floresta.

b) *fato ou acontecimento*: algo que ocorre ou se passa com um ser . Exemplos: ter, situar-se, esquecer, cair, crescer, morrer, etc.
- Ele **tem** muito dinheiro.
- O coitado **morreu** afogado.

c) *fenômeno da natureza*. Exemplos: ventar, nevar, escurecer, relampejar, chover, etc.
- Esta noite **choveu** muito.

d) *sentimento*. Exemplos: amar, odiar, gostar, detestar, etc.
- O rapaz **amou** a moça que também falava a língua do pê.

Aprendendo mais sobre pronomes

1 ■ Observe as palavras em destaque nos trechos abaixo, retirados dos textos lidos neste capítulo:

(I)

– "[...] Eupeu sópó queperipiapá fapalarpar copomopo topodopo munpundopo! (= **Eu** só queria falar como todo mundo")
Como os dois amigos não estavam entendendo nada, a coruja traduziu:
– **Ele** disse que só queria falar como todo mundo."

(II)

"Se **você** conversar sobre esse poema com uma amiga ou amigo, vai perceber que cada um fará a leitura e a interpretação de seus significados de uma forma particular. Isso acontece porque cada um de **nós** lê e constrói os significados do que lê de acordo com os conhecimentos que tem, as experiências que viveu, os sentimentos e emoções que sentiu."

Eu, **ele**, **você**, **nós** são pronomes pessoais e apontam para as pessoas presentes na situação de comunicação. No trecho (I) retirado do texto "Língua estranha no sítio do Zé Valente", estão conversando Zé Valente, Zé Ninguém, a coruja e o rapaz que fala a língua do pê. Neste trecho,

– "eu" → o rapaz que só fala a língua do pê, pois é a pessoa que está falando;

– "ele" → também o rapaz que só fala a língua do pê, pois aqui quem está falando é a coruja, e o rapaz é a pessoa de quem a coruja está falando ao se dirigir a Zé Valente e a Zé Ninguém.

No trecho II, retirado do texto "Dando asas à imaginação", a autora do texto estabelece um diálogo com seu leitor. Assim:

– "você"= a pessoa com quem a autora está "conversando", ou seja, o leitor.

– "nós" = a autora, o leitor e as pessoas em geral.

De acordo com as gramáticas, "eu "e "nós" são pronomes da 1ª pessoa; "você" é da 2ª pessoa, e "ele", da 3ª pessoa.

Observe o quadro a seguir, e veja quais são os outros pronomes pessoais:

	Singular	Plural
1ª pessoa	eu	nós
2ª pessoa	tu, você	vós, vocês
3ª pessoa	ele, ela	eles, elas

Leia o diálogo a seguir, localize os pronomes pessoais e diga a quais pessoas estão se referindo.

Júlia e Mariana estão conversando no pátio da escola.

– Você gostou do filme ontem, Mariana?

– Eu? Mas eu não fui ao cinema!

– Uê! O Júnior disse que ia ao cinema! Eu achei que você tinha ido também.

– Ele foi, mas eu não.

– Vocês não estão namorando? Eu sempre vou com meu namorado ao cinema.

– Claro, nós também. Mas o filme de ontem era sobre viagem no tempo e eu não gosto de ficção científica.

– Ah! Agora eu entendi....

2 ■ Um outro ponto interessante sobre os pronomes pessoais pode ser observado no emprego do termo "a gente" no seguinte trecho do diálogo entre Zé Valente e Zé Ninguém.

> "Zé Valente e Zé Ninguém resolveram descansar um pouco, pegaram duas enxadas e começaram a cavar um buraco no chão. Os dois estavam felizes.
> – Já pensou se **a gente** achar uma mala? – disse Zé Valente.
> – Já pensou se **a gente** achar uma sacola? – disse Zé Ninguém."

"A gente" está se referindo aos dois homens, Zé Valente e Zé Ninguém. Ou seja, é como se eles tivessem dito:

– Já pensou se **nós** achássemos uma mala? – disse Zé Valente.
– Já pensou se **nós** achássemos uma sacola? – disse Zé Ninguém.

Portanto "A gente" está sendo empregada no lugar de "nós", pronome pessoal da primeira pessoa do plural. A construção com "nós" nem sempre é utilizada na linguagem coloquial, principalmente em conversas informais, como a de Zé Valente e Zé Ninguém.

a ▶ Volte ao diálogo do exercício anterior entre Júlia e Mariana e utilize "a gente", onde for adequado, para tornar o diálogo mais informal.

b ▶ E o resto do diálogo? Você se expressaria exatamente como está escrito? Refaça as partes que achar necessário para que ele fique bem parecido com seu modo de falar, sem alterar o sentido da conversa. Resposta pessoal.

3 ■ Além dos pronomes pessoais, há outros tipos de pronomes. Nos trechos seguintes, retirados do texto "Língua estranha no sítio do Zé Valente", as palavras grifadas são pronomes indefinidos.

(I) Um belo dia de sol, Zé Valente estava conversando com Zé Ninguém. De repente, os dois escutaram **alguém**, no meio do mato, gritando [...]

(II) – Cavar buraco é bom porque a terra é muito grande e nela a gente pode encontrar coisas que **ninguém** imagina!
– E se a gente não encontrar nada?

(III) – Então! – disse a coruja e ensinou: **Toda** língua é uma invenção.

Estes pronomes são chamados indefinidos porque não se referem a um ser específico. "Alguém" pode ser qualquer pessoa gritando no meio do mato; "todo, toda" não especifica qual língua, mas afirma que o que está sendo dito se aplica à totalidade das línguas existentes; "ninguém" nega a existência de qualquer pessoa ou coisa que possa imaginar o que pode ser encontrado ali e "nada" aponta para o fato de não se encontrar coisa alguma ali. Há muitos outros pronomes indefinidos na Língua Português como, por exemplo:

- Alguém, ninguém, tudo, algo, nada, cada
- Algum, alguma, alguns, algumas
- Nenhum, nenhuma, nenhuns, nenhumas
- Todo, toda, todos, todas
- Outro, outra, outros, outras
- Muito, muita, muitos, muitas
- Pouco, pouca, poucos, poucas
- qualquer, quaisquer

a ▶ No trecho a seguir, como você interpreta o uso dos pronomes indefinidos "alguém" e "ninguém"? Por que "ninguém" está com letra maiúscula?